

DE VOLTA AO PRINCÍPIO – A CRIAÇÃO MOLDA A HISTÓRIA INTEIRA¹

Charles Arand²

Resumo: O presente artigo busca resgatar a importância da doutrina bíblica da criação para toda a narrativa cristã. O que significa dizer que somos criaturas? O que significa dizer que o Deus é o Criador? Qual a relação correta entre os seres humanos e a criação na tarefa de louvar ao Criador? Os resultados da pesquisa indicam que a doutrina da criação não é apenas um cenário ou um palco para a narrativa de redenção; é um componente essencial de toda a trama, já que a história inteira conta o relacionamento de Deus para com a sua criação, a maneira como Deus entrou em sua própria criação, assumiu a forma humana, restaurou os seres humanos por meio de sua morte e ressurreição, e assim irá revitalizar sua criação.

Palavras-chave: Criação. Criaturas. Criador.

1 George Felten, tradutor. Tradução e publicação autorizados pelo periódico teológico Concordia Journal, v.40, n.2, 2014, Concordia Seminary, St. Louis, USA. Texto original disponível em: <<http://scholar.csl.edu/cj/vol40/iss2/4>>.

2 Professor de Teologia Sistemática no Concordia Seminary, St. Louis, Estados Unidos.

INTRODUÇÃO

Como as pessoas de dentro e de fora da igreja ouvem nossa história? Não é mais ou menos assim? “Deus criou o mundo e Adão e Eva. Eles pecaram. Deus então enviou seu Filho ao mundo para nos salvar. Agora, esperamos ansiosamente para deixar esta terra para trás e ir para o céu.” Se é, seria possível que, ainda que sem querer, elas estejam entendendo essa história como uma narrativa escapista na qual fica a impressão de que realmente não pertencemos a aqui? De que a terra não é nosso lar? De que esperamos o dia em que seremos retirados desta terra e a deixaremos para trás?

Mas, com isso, será que não estaríamos perdendo (ou pelo menos não enfatizando) o importante lugar da criação dentro da história? Para o cristianismo, a história e a doutrina da criação é mais do que um pano de fundo ou um palco para a história da redenção. É parte integrante de toda a história.³ O capítulo inicial da Bíblia nos apresenta os personagens, elementos e temas essenciais que moldam toda a história a seguir. Eu gostaria de destacar quatro momentos significativos no relato do Gênesis: 1) a criação do cosmos do nada; 2) a criação da vida na terra; 3) a criação dos humanos como mordomos da vida na terra; e 4) o estabelecimento da alegria do dia do descanso.⁴

CRIADOR DO CÉU E DA TERRA

“No princípio, Deus criou os céus e a terra” (Gn 1.1). Este versículo resume tudo o que acontece em Gênesis 1.⁵ Agora, dizer que Deus criou os céus e a terra é dizer que Deus criou tudo, desde o menor quark até a

3 Gustav Wingren enfatiza que Gênesis vem antes de Êxodo, e o primeiro artigo antes do segundo, por uma razão. Eles são fundamentais, e as fundações vêm primeiro. Ele rejeita as tentativas de centralizar a questão do conhecimento que centraliza a história em nós e não em Deus. Ver Gustaf Wingren, *Creation and Law*, trad. Ross McKenzie (Philadelphia: Muhlenberg, 1961; Wipf and Stock, 2003). Ver também, Mark P. Surburg, “Good stuff! The material creation and the Christian faith”. *Concordia Journal* 36, n.3 (Verão de 2010): 245-262.

4 [N.T.] No original, “the establishment of sabbath joy”.

5 Ver David L. Adams, “Some Reflections on the Historicity of the Biblical Creation Account”, (um trabalho apresentado no *Dies Academicus* do *Lutherischen Theologische Hochschule*, Oberursel, Alemanha, em 7 de novembro de 2013).

maior galáxia. Não há nada, com a exceção dele mesmo, que ele não tenha feito. Por esse motivo, a igreja primitiva confessava que Deus criou tudo do nada (*creatio ex nihilo*).

Essa confissão nos fornece a distinção ontológica mais básica que pode ser feita. Enquanto o platonismo organiza a realidade em categorias de material e espiritual, a Bíblia organiza a realidade nas categorias de Criador-criação. A distinção entre Criador e criaturas é uma distinção muito mais fundamental do que qualquer distinção entre nós e outras criaturas.⁶ E isso implica várias consequências de longo alcance.

O CRIADOR É, POR DEFINIÇÃO, DEUS

A distinção Criador-criatura é a chave para confessar o que faz Deus... Deus. Portanto, ao longo das Escrituras, há uma, e apenas uma coisa que iria em um currículo ou em uma descrição de trabalho para qualificar alguém a ser Deus. Seria mais ou menos assim: “Se você criou tudo o que existe, então a vaga é sua. Se você não criou tudo que existe, então você nem precisa enviar um currículo!” Por quê?

Dizer que Deus criou tudo “do nada” significa dizer que Deus não criou de um material pré-existente e externo de si mesmo (como por exemplo, um artista que trabalha com aquarela ou tinta óleo), como se o universo existisse eternamente junto com ele.⁷ Significa também dizer que Deus não criou a partir de qualquer necessidade interna, como se ele precisasse do mundo para completar-se a si mesmo.⁸ Ambos exemplos fazem Deus dependente do mundo em algum sentido. Mas *creatio ex nihilo* afirma que Deus não é dependente do cosmos; o cosmos é dependente

6 Ver Jaroslav Pelikan, “Doctrine of creation in Lutheran Confessional Theology”, *Concordia Theological Monthly*, v.26, n.8 (1º ago.1955): 573.

7 Adams traz uma discussão muito boa sobre as mitologias babilônica e egípcia em “Some Reflections”, 5-15. Isso também é verdade do platonismo, segundo o qual o mundo é moldado a partir de materiais pré-existentes.

8 Elizabeth Achtemeier, *Nature, God & Pulpit* (Grand Rapids: Eerdmans, 1992) cita uma frase da obra “Green Pastures”, na qual Deus diz: “Estou sozinho; Vou fazer um mundo para mim”, 28. Achtemeier também ressalta que o panenteísmo vê Deus criando e trabalhando com o mundo para completar-se a si mesmo, quase que como uma forma necessária de autoexpressão, 28-29.

de Deus.⁹ Em outras palavras, Deus criou o mundo livremente, “por sua paterna e divina bondade e misericórdia”.¹⁰

No Credo Niceno, esta distinção de Criador-criatura se torna chave para confessar a divindade de Cristo e do Espírito Santo. O debate com Ário estava centrado na questão de se o pré-encarnado Filho de Deus era Criador ou criatura. O Credo pega, então, 1Coríntios 8[.6], que confessa “um só Senhor, Jesus Cristo, por meio de quem todas as coisas existem”,¹¹ e usa a grande obra Basílio, *Sobre o Espírito Santo*, para confessar o Espírito como Criador, ou, o “Senhor e doador da vida”.¹²

Mas e como Deus cria? Falando. Esta fala, para Lutero, capacita alguém a confessar tanto a distinção de Deus e do mundo, quanto a imanenência de Deus dentro do mundo.

Deus cria falando uma palavra performativa que chama à existência coisas que não existem (Rm 4.17). “Como o Criador, a efetiva Palavra de Deus que chama a criatura à existência, tanto diz que o que cria quanto cria o que diz.”¹³ Assim, Lutero sugere que Deus tem sua própria gramática. “Ele não fala palavras gramaticais; Ele fala realidades verdadeiras e existentes. Consequentemente, aquilo que entre nós soa como uma palavra, para Deus é uma realidade. Por conseguinte, quando Deus diz ‘haja luz’, a luz passa a existir. Também o sol, a lua, o céu, a terra, Pedro, Paulo, eu, você, etc. – todos nós somos palavras de Deus. Na verdade, somos apenas uma única sílaba ou letra em comparação com a criação inteira.”¹⁴

9 Ver Jaroslav Pelikan’s “Creation and Causality in the History of Christian Thought”, *Southwestern Journal of Theology*, v.32, n.2 (March 1990): 10-16. Nesse texto, ele argumenta que os Pais se preocupavam em enfatizar a criação como dependente de Deus para rejeitar a ideia de que a matéria existia junto de Deus desde a eternidade.

10 Bayer nota que a frase de Lutero é uma “precisa interpretação da fórmula da criação ‘do nada’”. Ver Oswald Bayer, Christine Helmer, and Richard H. Bliese, “I Believe That God Has Created Me With All That Exists: An Example of Catechetical-Systematics”, *Lutheran Quarterly*, v. 8, n.2 (1994): 153.

11 Richard Bauckham diz que estes versículos em 1Coríntios são a interpretação cristã de Paulo do *Shema*, em *God crucified: Monotheism and Christology in the New Testament* (Grand Rapids: Eerdmans, 1999). A Fórmula de Concórdia fala de Cristo como o “Todo poderoso Senhor, nosso Criador e Redentor”, Fórmula de Concórdia, Declaração Sólida, VIII. 44, em Robert Kolb e Timothy J. Wengert, eds., *The Book of Concord: The Confessions of the Evangelical Lutheran Church* (Minneapolis: Fortress Press, 2000), 600.

12 David Maxwell sugere que o Concílio de Niceia solidificou a distinção Criador-criatura. “Platonic Participation and the Doctrine of Creation in Cyril of Alexandria’s Commentary on John” (trabalho não publicado e apresentado no Quarto Simpósio Annual em Honra a Dr. Florovsky, Princeton, NJ).

13 Johannes Schwanke, “Luther on Creation”, *Lutheran Quarterly*, v.16, (Março 2002): 5.

14 Martinho Lutero, “Lectures on Genesis: Chapter 1-5”, *Luther’s Works 1*, Jaroslav Pelikan (Ed.), (St. Louis: Concordia Publishing House, 1958), 21-22, 49.

Mas Deus não fala a palavra criadora só uma vez e então se afasta de sua criação, como se fosse um pai ausente. Ao invés disso, Deus continua a se engajar com sua criação, falando com ela. “Produza a terra... Sede fecundos, multiplicai-vos.”¹⁵ De alguma forma, ele põe sua Palavra de bênção na criação como um poder criativo. Alguém poderia dizer que a promessa de Deus está contida na “semente e na raiz”.¹⁶ Ou, como Lutero coloca, “a Palavra está presente no próprio corpo da galinha e em todas as criaturas; o calor com que a galinha mantém seus ovos é o resultado da Palavra divina”.¹⁷ E essa promessa permanece efetiva até hoje.¹⁸

Quando Deus fala para a sua criação, ele coloca a sua Palavra nela e alista suas criaturas como instrumentos por meio dos quais ele trabalha.¹⁹ Ele faz essa obra “em, com e sob” suas criaturas. Elas se tornam luvas nas mãos de Deus (*larvae dei*). Em certo sentido, Deus alista suas criaturas como “sócios minoritários”,²⁰ e assim Deus trabalha através da terra para trazer vida (vegetação), bem como através das criaturas para trazer as sucessivas gerações.

Deus trabalha por meio de sua criação. Ele voluntariamente se limita (ou permite que a sua vontade seja resistível quando trabalha através de meios) para permitir que cada criatura contribua com a vida na criação de Deus. Ele as convida a participar – e até contribuir – na sua atividade criativa contínua. Assim, por exemplo, quando duas pessoas decidem se

15 Bayer desenvolve a ideia de como Deus se dirige à criação. Ver especialmente a sua seção em “Creation: Establishment and Preservation of Community”, *Martin Luther’s Theology: A Contemporary Interpretation*, trans. Thomas H. Trapp (Grand Rapids: Eerdmans, 2008), 95-119.

16 Holmes Rolston III. “The Pasqueglower”, *Natural History: Magazine of the American Museum of Natural History*, v.88, n.4 (Abr.1979): 8.

17 Lutero, “Lectures on Genesis”, *LW* 1:53.

18 Lutero, “Lectures on Genesis”, *LW* 1:75. Lutero também escreveu que dar à luz também não acontece separadamente da Palavra, “pois quando Deus disse uma vez (Gn 1.28): ‘sede fecundos’, esta Palavra vale até os dias de hoje e preserva a natureza numa forma miraculosa”. Assim, o nascimento de um bebê hoje é tão miraculoso como foi o nascimento de Isaque. “Lectures on Genesis”, *LW* 4:4. E, novamente: “pois o crescimento das frutas do campo e a preservação das várias espécies é tão grandioso como a multiplicação dos pães no deserto”. *LW* 4:5. Ver também C. S. Lewis, “olhe para qualquer baía e quase qualquer rio. Este enxame, esta fertilidade ondulante mostra que Ele ainda trabalha enchendo os mares com desovas inumeráveis”. *Miracles* (Londres: Fontana Books, 1960), 138.

19 “Nossos pais e todas as autoridades – bem como quem quer se seja nosso próximo – recebeu o mandamento de fazer todos os tipos de coisas boas a nós. Assim, nós recebemos nossas bênçãos não deles, mas de Deus por meio deles. Criaturas são apenas as mãos, canais e meios por meio dos quais Deus outorga todas as bênçãos.” Ver Catecismo Maior I.26 In: Kolb-Wengert, 389.

20 Orig.: *Junior Partner* (N. do T.)

casar, sua escolha de um ao outro e seus respectivos DNAs contribuem para a criação de uma criança única. A mesma coisa se aplica a todas as outras criaturas na terra. E assim, emerge mais criatividade dentro da criação.

E Deus continua falando pela Bíblia. Sempre que Deus profere uma palavra de julgamento, a criação desaba. Inversamente, a palavra de perdão se torna o poder da nova criação (“Onde há perdão, há vida e salvação”). A palavra de justificação cria uma nova realidade. A Palavra de bênção na santa ceia continua a ser efetiva até hoje.²¹

NÓS SOMOS, POR DEFINIÇÃO, CRIATURAS

Se a criação “do nada” define Deus como Deus, ela também diz algo sobre a criação. A confissão cristã declara que nem a criação e nem nós somos Deus – do contrário de outros antigos e novos relatos das origens. Os antigos gnósticos defendiam que a criação física veio à existência como o resultado de uma queda a um nível mais baixo de conhecimento, ou “Sophia”. Hoje, as narrativas eco feministas sugerem que nós nascemos do corpo de Deus, o que resulta na ideia de que somos, de alguma forma, divinos.²² Mas nós não somos nem meros acidentes e nem seres divinais.

No Catecismo Maior, Lutero pergunta o que significa confessar que Deus é o Criador. Ele inesperadamente responde que significa confessar que nós somos criaturas!²³ Ser uma criatura, uma criatura humana, é fundamental para a minha existência inteira. Isso constitui minha mais primária e interna identidade.²⁴ E isso não é nos desmerecer. Pelo contrário,

21 “Pois a verdadeira e todo-poderosa Palavra de Jesus Cristo, a qual ele falou na primeira instituição da Santa Ceia não foi só efetiva lá; ela permanece efetiva.” Fórmula de Concórdia, Declaração Sólida, VIII.75, In: Kolb-Wengert, 606.

22 Para um exemplo, ver Sally McFague, *The Body of God: An Ecological Theology* (Philadelphia: Fortress Press, 1992).

23 Catecismo Maior II.13, em Kolb-Wengert, 432. Ver também Henrich Holze, “Luther’s Concept of Creation: Five Remarks on His Interpretation of the First Article in the Large Catechism (1529)”, in: *Concern for Creation: Voices on the Theology of Creation (svenske kyrkans forskningsrad och författarna, 1995)*, 23-48.

24 O Primeiro Artigo ensina que “nós devemos saber e aprender de onde viemos, o que somos, e a quem pertencemos” (WA 45, 12, 16-17). Pelikan ainda argumenta, “a categoria fundamental na doutrina bíblica do homem é a de ‘criatura’... é a imagem do homem como pecador... precisa retratá-lo como uma criatura caída”, *Concordia Theological Monthly*, v.26, n.8 (ago.1955): 569.

Lutero argumenta, “é uma grande honra ser chamado de criatura. É uma rica, grande e elevada coisa ser obra e criatura de Deus”.²⁵ Eu sou uma criatura humana que, em Cristo, se tornou agora filha de Deus. Então, o que significa ser uma criatura de Deus?

Primeiro de tudo, confessar a nossa *criaturidade* é confessar que nós somos, por definição, contingentes e dependentes de Deus. Nenhum de nós tem vida em si mesmo. Criação não é um “biossistema autossustentável”.²⁶ Temos que procurar por vida fora de nós mesmos. Por isso Lutero conclui que, como criaturas, nós não vivemos sem confiar em um deus. A questão do primeiro mandamento, então, não é “temos um deus?”, mas “quem ou o que é nosso Deus?” A distinção Criador-criatura lança a base para o primeiro mandamento, que essencialmente diz, “não confunda a criação com o Criador!”

Segundo, como criaturas, somos responsáveis perante Deus. Nós não configuramos o mundo para que ele ande de acordo com nossas noções. Pelo contrário, nós nos encontramos em um mundo que nós não criamos. E já que este é o mundo de Deus, nós, como criaturas, somos responsáveis perante o Criador. Talvez uma das razões pelas quais seja difícil falar sobre a lei e a ira de Deus hoje, é porque não nos vemos mais como criaturas, e assim, não nos vemos mais como quem deve satisfação pelo nosso manejo com a criação.²⁷

Mas esta ênfase na criaturidade não seria um tema que se estende por toda a história até os dias atuais? A linha do tempo da Escritura não fala justamente sobre criaturas humanas que não querem ser criaturas? Elas não querem viver dependentes da graça de Deus ou viver na dependência dele. Desde cedo nós queremos nos erguer acima de nossa criaturidade, transcender nossa criaturidade e, dessa forma, nos tornar como Deus. Isso nos poria em controle.²⁸ E, para esse fim, criaturas

25 WA 45, 15, 1-2.

26 Christopher J. H. Wright, *Old Testament Ethics for the People of God* (Downers Grove, IL: IVP Academic, 2004), 109.

27 Daí Lutero destaca que se nós verdadeiramente acreditássemos no Primeiro Artigo, isto “nos tornaria humildes e aterrorizados”. Por quê? Porque diariamente nós o utilizamos mal como se ele pertencesse a nós e falhamos em reconhecer que o recebemos de Deus. Catecismo Maior II.22 em Kolb-Wengert, 433.

28 Bonhoeffer fala bem sobre isso. “A humanidade agora vive a partir de seus próprios recursos, cria a sua própria vida, é sua própria Criadora... Adão não é mais uma criatura. Adão se desviou

humanas rejeitaram o seu Criador... pondo, por fim, o Criador à morte de cruz.²⁹

Então, salvação não é sobre Deus nos livrando da nossa criaturidade. Pelo contrário, Cristo restaura nossa criaturidade. Em contraste, algumas religiões (e.g., Mormonismo) prometem uma salvação que transcende nossa criaturidade para nos fazer, de alguma maneira pequenos deuses, ou tornar-nos divinos. Mas no caso de Jesus, o Criador se torna uma criatura humana masculina para restaurar nossa criaturidade. E ele ressuscitou, e subiu aos céus, e está sentado à mão direita de Deus, tanto como Deus e como uma criatura humana.

E então, como luteranos, nós confessamos que somos justificados pela fé somente. O que isso significa, além de que o evangelho restaura nossa criaturidade? Ser salvo pela fé, viver pela fé nos restaura para aquele relacionamento no qual no princípio Deus nos criou. É um relacionamento no qual Deus, como Criador e Redentor, dá vida, e nós, como criaturas, recebemos essa vida de Deus. Como James Nestingen colocou, “Ser alegre e contente em ser uma criatura – isto é redenção!”³⁰

SENHOR E DOADOR DA VIDA

“A terra era sem forma e vazia” (Gn 1.2).³¹ Gênesis 1 não fala apenas sobre o trabalho absolutamente único de Deus de criar tudo do nada. Ele também devota um espaço considerável descrevendo como Deus deu forma à terra e como encheu a terra com criaturas viventes. Isso significa dizer que Deus, que é vida em si mesmo, agora dá vida para sua criação. Pois

de sua criaturidade.” Dietrich Bonhoeffer, *Creation and Fall: A Theological Exposition of Genesis 1-3*, John W. De Gruchy (Ed.), (Minneapolis: Fortress Press, 1997). Bonhoeffer também argumenta que desobediência é uma palavra muito fraca. O que acontece é “rebelião” (120). Ver também Oswald Bayer, que fala de um “desejo absurdo dos humanos em se tornarem auto-Criadores” em “Self-Creation? On the Dignity of Human Beings”, *Modern Theology*, v.20, n.2 (abr.2004): 275-290. 29 Erik Herrmann (conversa pessoal) também pontua que, quando morreu por nosso pecado, Cristo, o Criador, restaura nossa criaturidade.

30 James Nestigen (conversa pessoal).

31 David Adams tem um bom insight sobre a água. “Água é a única coisa conhecida pelo homem primitivo que tem substância, mas não forma. Assim, a água, naturalmente, vem a representar o caos, i.e., matéria sem forma.” “Some Reflections”, 8.

isso é o que Deus faz: ele dá vida.³² E assim a terra se torna lar da vida... lar de uma magnífica, abundante e variada vida.

O PLANETA DE DEUS QUE SUSTENTA A VIDA

Nos três primeiros dias da criação, Deus prepara a terra para ser um planeta no qual a vida pudesse florir. Fazendo isso, Deus cria as condições e suplementa as provisões para que a terra se tornasse o que alguns cientistas chamam de “o planeta dos cachinhos dourados”.³³ Isso significa dizer que ele é perfeito para a vida! E essa vida define e distingue nosso planeta de todos os outros planetas no sistema solar, sem mencionar todo o universo. Dentre essas provisões, Gênesis menciona o céu (atmosfera), a água (hidrosfera), a terra (litosfera), o sol e a lua. A ciência pode nos ajudar a apreciar a importância desses elementos para a vida na terra.³⁴

Pense no sol. Sua relação com a terra a faz ser precisamente perfeita para que a vida prospere. O sol não está nem muito perto e nem muito longe. E assim, a terra não é nem muito quente (diferentemente de Mercúrio e Vênus) e nem muito fria (como Marte) para a vida. A terra reside naquilo que alguns cientistas chamam de “zona habitável”. Nessa zona, o sol providencia precisamente o correto volume de energia para sustentar a vida na terra. A lua, por sua vez, ajuda a estabilizar a inclinação do eixo da Terra a 23,5 graus em relação ao sol (Marte tem uma oscilação maior), assim contribuindo para a regularidade de nossas estações e para um clima relativamente estável.

Pense na atmosfera, que quando vista do espaço não parece ser mais do que uma “fina linha azul”. Ela contém precisamente os ingredientes

32 David Maxwell pontua que para os Pais da igreja primitiva, a vida era um atributo e um dom divino. Criaturas não têm vida em ou de si mesmas. Elas recebem vida apenas quando elas participam na vida de Deus. Ver “Platonic Participation and the Doctrine of Creation in Cyril of Alexandria’s Commentary on John”. Ver também o capítulo de Wingren, “The Creator and Life”, in: *Creation and Law*, 18-31.

33 Paul Davies, *The Goldilocks Enigma: Why is the Universe Just Right for Life?* (Boston: Mariner Books, 2008). Ver também, Peter D. Ward e Donald Brownlee, *Rare Earth: Why Complex Life Is Uncommon in the Universe* (Nova Iorque: Harper Design, 2013).

34 O que será apresentado nos parágrafos seguintes (salvo quando indicado o contrário) depende de informações sobre a terra em comparação com outros planetas no Sistema Solar providenciado por Brian Cox, *Wonders of the Solar System* (Nova Iorque: Harper Design, 2013).

certos para a vida na terra (21% de oxigênio e 78% de nitrogênio, com o 1% restante contendo vestígios de dióxido de carbono, metano, néon, óxido nitroso). Além disso, ela age como um cobertor de isolamento térmico para que seu vapor de água e dióxido de carbono mantenham o planeta aquecido, enquanto evita as variações de temperaturas de Mercúrio (-173°C a 427°C). Ela também protege a terra desintegrando meteoros que se lançam em direção a terra, bem como bloqueando a perigosa radiação UV do sol. Finalmente, esta atmosfera que sustém a vida não se dissipa no espaço, pois a terra tem o tamanho exato para a gravidade a segurar no seu lugar (diferentemente de Mercúrio), enquanto seu núcleo ativo gera um campo magnético que não permite que a atmosfera seja varrida pelos ventos solares (diferentemente de Marte).

Considere a água. Se tem algo que se destaca quando vemos fotos espaciais da terra é o fato de que ela é um planeta azul, um planeta de água. E talvez não haja nada mais essencial para a vida do que a água. Ela é “o principal constituinte de todos os organismos vivos”.³⁵ Somos 90% água quando nascemos e 70% quando chegamos à vida adulta. Na verdade, alguém poderia dizer, junto a Vladimir Vernadsky há um século, que “vida” é “água animada”.³⁶ A água não é encontrada somente em alguns lugares na terra. Água líquida está por toda a parte. Quando alimentada pela radiação solar, a água evapora na atmosfera como vapor, onde ela aquece o planeta. Depois de refrigerada e condensada, ela cai por causa da gravidade de volta para a terra em forma de neve ou de chuva. Como neve, ela desvia o calor de volta pro espaço, e como água líquida nos oceanos e lagos, ela equilibra a temperatura da terra nas costas.

Considere a terra. A terra tem a exata proporção de área da superfície em relação ao seu volume, para não perder no espaço o calor produzido em seu núcleo fundido. E nessa terra, Deus providencia uma fina camada de solo superficial que é o “substrato fértil para a iniciação e manutenção da vida”.³⁷ A chuva contribui para o desgaste das rochas pelo qual minerais entram no solo para se tornarem os ingredientes das células e da vida. O solo permite que a chuva que cai escoe até os aquíferos subterrâneos que, por sua vez,

35 Daniel Hillel, *Out of the Earth: Civilization and the Life of the Soil* (New York: Free Press, 1991), 32.

36 Hillel, 32.

37 Hillel, 23.

alimentam os córregos. Ela também permite as plantas ancorarem-se, ao passo que providencia os nutrientes para alimentá-las. Ela ainda “age como a limpeza primária de nossa terra e meio reciclador, na verdade como um ‘filtro vivo’ que rende toxinas e patógenos inofensivos, e os transforma em nutrientes”.³⁸

ABUNDÂNCIA E VARIEDADE DE VIDA!

Deus não criou a terra para ser vazia e sem vida. Ele a formou “para ser habitada!” (Isaías 45.18). Assim, depois de preparar as condições e lugares para a vida, Deus convoca a vida para que saísse da própria terra. Deus fala: “Que a terra produza... Que as águas sejam povoadas...”. E o que acontece? Uma profusão de vida brota!³⁹ Deus faz a terra extremamente e exuberantemente pró-vida!⁴⁰ E esta vida se espalha para cobrir o planeta e habitar todos os seus espaços. As águas se enxameiam e o ar se repleta com criaturas viventes de todos os tipos imagináveis.

E qual o resultado de Deus chamando vida à existência na terra? Um número estonteante de criaturas. Quantos tipos diferentes de criaturas ele produziu? Considere estes números de espécies que se estima que vivem na terra:

- Vertebrados: 5.506 mamíferos; 10.065 aves; 9.831 répteis; 7.044 anfíbios; 32.700 peixes.
- Invertebrados: 1.000.000 insetos; 85.000 moluscos; 47.000 crustáceos; 2.175 corais; 102.248 aracnídeos; 4 caranguejos-ferradura.
- Plantas: 268.000 plantas floridas; 16.236 musgos; 12.000 samambaias e similares; 1.052 gimnospermas; 4.242 algas verdes; 6.144 algas vermelhas;
- Fungos e Protistas: 17.000 líquenes; 31.496 cogumelos; 3.127 algas marrons.

38 Hillel, 24.

39 Holmes Rolston III. “The Bible and Ecology”, *Interpretation: Journal of Bible and Theology*, v.50 (1996): 16-26. “Preaching on the wonder of creation”, *Journal For Preachers*, v.34, n.4 (jan.2011): 39-46. Rolston nota como “a terra produz por si mesma”, Marcos 4.28.

40 Rolston Frequentemente fala do mundo como pró-vida no sentido de ser orientado para gerar vida. Ver por exemplo, Holmes Rolston III, “Creation: God and Endangered Species”, *Biodiversity and Landscapes: Paradox of Humanity*, Ke Chung Kim and Robert D. Weaver (Eds.), (Cambridge University Press, 1994), 47-60. Ver também, “Human Uniqueness and Human Responsibility”, *Science and Religion: a Critical Survey* (Philadelphia, PA: Templeton Foundation Press, 2005), xi-xlv.

Ao todo, cientistas estimam que existam entre um e dez milhões de espécies de criaturas vivas na terra hoje.⁴¹ Ao todo, elas fazem da terra um espetáculo de vida.

E perceba como Deus produz todas estas criaturas de modo a complementarem ou “cabem” nos lugares dos quais ele as chama, e por meio dos quais ele as faz. Altas montanhas e bodes selvagens pertencem um ao outro. Garças e pântanos pertencem um ao outro. Leões e savanas pertencem um ao outro. Baleias e oceanos pertencem um ao outro. Pertencem no sentido de que eles receberam habilidades de Deus, que os capacita a viver em tais lugares, e em troca, tais lugares fornecem sustento para suas vidas. Não conseguimos pensar em um sem o outro.

Mas não podemos imaginar que Deus fez todas estas criaturas simplesmente por nossa causa, já que Adão e Eva não precisavam deles para comida ou para roupas antes da queda.⁴² Ao invés disso, Deus deu a eles valor e integridade próprias. Ele deu a eles o seu próprio lugar para viver na terra.⁴³ E ele lhes dá providência (Sl 147.8-9; Sl 104.21, 27). Um exemplo impressionante disso é encontrado em Jó 38-41, onde Deus mostra a Jó como cuida dos animais selvagens que vivem longe da cultura humana. Deus envia chuva aos lugares desertos, onde nenhum humano vive (Jó 38.25-27; cf. Sl 147.8). E ele alimenta os corvos jovens quando eles “clamam a Deus e andam vagueando por não terem o que comer (Jó 38.41).⁴⁴

Deus não só proveu a mera existência ou a mínima sobrevivência das suas criaturas. Ele queria uma vida exuberante. Como o salmista fala, “Coroas o ano da tua bondade; as tuas pegadas destilam fartura, destilam sobre as pastagens do deserto, e de júbilo se revestem os outeiros. Os

41 Redlist da IUCN (União Internacional para a Conservação da Natureza), 2013. http://cmsdocs.s3.amazonaws.com/summarystats/2013_2_RL_Stats_Table1.pdf.

42 Lutero especula que nossos corpos seriam muito mais duradouros se a prática de comer carne não tivesse sido introduzida após o dilúvio. Em outras palavras, “uma dieta de ervas ao invés de carne seria muito melhor hoje”. “Lectures on Genesis”, *LWI* 36.

43 Claus Westermann argumenta que “Um Deus que é entendido apenas como o Deus da humanidade, não é mais o Deus da Bíblia”. *Genesis 1-11* (Minneapolis: Augsburg, 1974), 176.

44 James Limburg traz uma útil discussão na qual ele pontua que frequentemente se pensava que o seu clamor era pelo fato de seus pais os terem abandonado. “Quoth the Raven: Psalm 147 and the Environment”, *A God So Near: Essays on Old Testament Theology in Honor of Patrick D. Miller*, Brent A. Strawn and Nancy R. Bowen (Eds.), (Warsaw, IN: Eisenbrauns, 2003), 105. Ver também Salmo 147.9 e Lucas 12.24.

campos cobrem-se de rebanhos, e os vales vestem-se de espigas; exultam de alegria e cantam” (Sl 65.11-13). Ele queria que as baleias se divertissem no mar, que garças dançassem nos pântanos, que cavalos pisassem em seus cascos.

E hoje, a criação é assim? Não, a criação não é mais como Deus a fez. Desde a queda, a vida é luta. Toda criatura luta para não morrer, mas viver. Entretanto, Deus é um Deus de vida. Ele não descarta sua criação e começa tudo de novo do zero. Ele não deixará que a vida na terra se vá. Por isso, Deus faz uma aliança de vida com todas as criaturas vivas (três vezes em Gênesis 9 e de novo em Oseias 2.18-20), “os pássaros, o gado, e todos os animais da terra”.⁴⁵

Assim, Deus continua sendo ativo em sua criação. Bayer aponta para o fato de que, segundo Lutero, Deus não é um ídolo, um deus inativo (*deus otiosus*) que descansa suas mãos em seu colo brincando com os dedos. Do contrário, Deus é sempre um Deus ativo (*deus actuosissimus*).⁴⁶ Portanto, entre a criação e a nova criação, Deus continuamente “reage” ao pecado e seus efeitos. Ele renova persistentemente a vida, diária e anualmente, em meio ao “contínuo perecimento” dela.⁴⁷ Ele continuamente abre novos caminhos para a vida com todos os novos nascimentos e todas as flores de açafrão que brotam no inverno. A vida continua a surgir. Como Lutero disse, “criar é sempre fazer algo novo” (*creare semper novum facere*).⁴⁸

Em última análise, entretanto, Deus não apenas frustra a morte, mas ele a derrota e traz à tona a vida eterna no corpo de criatura do seu Filho encarnado. Esta é a mensagem da ressurreição. Então, assim como “o salário do pecado é a morte”, “onde há perdão dos pecados, há vida e salvação”.⁴⁹ Perdão se torna o poder da nova vida. A culpa traz a maldição e com ela a morte. Mas o perdão desfaz a maldição e traz vida. E ambos ocorrem

45 Ver Randy Alcorn, *Heaven* (Carol Stream, IL: Tyndale, 2004), no qual ele explora as descrições da era que há de vir.

46 Bayer, “An Example of Catechetical-Systematics”, 147. Ver também Bayer, *Martin Luther’s Theology*, 200-201. *LW* 33:233, 178.

47 Uma expressão fortuita de Holmes Rolston III. “Perpetual Perishing, Perpetual Renewal”, *The Northern Review*, v.28 (inverno 2006): 111.

48 WA 1, 563, 6ff. Beintker destaca que Lutero “foi um defensor ferrenho da tese da *creatio continua*”. Michael Beintker, “Das Schöpfercredo in Luthers Kleinem Katechismus”, *Neue Zeitschrift für Religionsphilosophie*, v.31, (jan.1989): 5.

49 Catecismo Menor, Sacramento do Altar, em Kolb-Wengert, 362.

dentro de uma narrativa maior do divino dom da vida, ou, da doação da vida para sua criação, desde o jardim até a cidade-jardim (desde Gênesis 1 até Apocalipse 21-22).

MORDOMOS DA VIDA NA TERRA

“Façamos o ser humano à nossa imagem... Tenha ele domínio sobre...” (Gn 1.26). O próximo momento significativo que capta nossa atenção em Gênesis 1 é a criação do ser humano. A narrativa de Gênesis sobre nossa criação nos informa sobre o que somos e sobre de quem somos. Ela nos mostra que nossa primeira e primária identidade consiste em sermos criaturas de Deus. Mais especificamente, nós somos criaturas humanas encarregadas por Deus para cuidar a vida na terra.

FEITOS DA TERRA PARA A VIDA NA TERRA

A primeira coisa que nós podemos dizer sobre as criaturas humanas de Deus é que *Deus nos fez da terra para a vida na terra*. Nós pertencemos a aqui. No que diz respeito a isso, nós não somos os únicos, pois compartilhamos essa característica com todas as outras criaturas na terra. Isso equivale a dizer que somos criaturas corporificadas e incorporadas na terra.

Deus não nos criou como espíritos sem corpos, como os anjos. Deus fez *Adão* da *adamah*. Tomando emprestado a frase de Santo Agostinho, “nossos corpos são a terra que carregamos”. Somos criaturas corpóreas, e nossos corpos nos ligam à terra. O ar flui por nós quando nós o inalamos e exalamos. Bebemos e transpiramos água. Ingerimos a terra com a comida que comemos. Somos tão ligados à terra que quando viajamos ao espaço sideral, o que devemos levar conosco? Porções da terra: ar, água e comida. Sem essas coisas, morreremos, e Deus nos fez criaturas vivas. No Antigo Testamento, ser vivo (ou, ter *nefesh*)⁵⁰ significa ser animado, ou seja, mover-se através do espaço. Nós somos, portanto, corpos animados.

50 Hans Schwarz traz uma visão geral bem útil em *The Human Being: A Theological Anthropology* (Grand Rapids: Eerdmans, 2013), 5-8.

No Antigo Testamento, plantas (diferentemente de humanos e animais) não são considerados “vivos”, já que não se percebia que eles se moviam através do espaço.

Criaturas corpóreas precisam de lugares para viver e se mover. Nesse sentido, nós somos também criaturas incorporadas. Deus nos incorpora na terra, dentre as outras criaturas, em lugares específicos e em tempos específicos. Considere o quão importantes são os lugares na Bíblia! O jardim do Éden foi o lar para Adão e Eva. Mas logo depois eles perdem esse lar. O povo de Israel passou anos vagando pelo deserto ansiando por um novo lar... a terra prometida. E finalmente, o Antigo Testamento fala de um futuro lar, uma nova Jerusalém. Movemo-nos do jardim de Gênesis 2 para a cidade-jardim de Apocalipse 21-22.

Lugares são importantes, pois neles vivemos nossa vida em meio às outras criaturas de Deus. Wendell Berry define a vida como sendo tudo o que acontece conosco através de lugares específicos.⁵¹ Esses lugares definem a singularidade de criaturas individuais. Movemo-nos através desses lugares e vivemos neles. Neles nós experienciamos as estações da criação, os ritmos da vida diária e a passagem dos anos. É aqui que vivemos com nossa companheira, temos nossos pequeninos, damos alimentos a eles e fazemos nosso lar. A vida é uma “residência de histórias”.⁵²

FEITOS DA TERRA PARA CUIDAR DA VIDA NA TERRA

Nós não só fomos feitos de terra para a vida na terra, mas nós também fomos feitos à imagem de Deus e a nós foi dada a tarefa de cuidar da vida na terra. Nesse sentido, nós somos únicos dentre todas as criaturas na terra. Poderíamos falar, em termos luteranos, que isso foi e continua sendo nossa primeira vocação, pois essa foi a primeira comissão dada por Deus aos recém criados Adão e Eva.

51 Wendell Berry, *Life is a Miracle: An Essay Against Modern Superstition* (Washington, D.C.: Counterpoint, 2000), 40. Ver também, “Is Life a Miracle?” *Citizenship Papers* (Berkeley: Counterpoint, 2003), 184-186.

52 Holmes Rolston III. “Down to Earth: Persons in Place in Natural History”. In: *Philosophy and Geography III: Philosophies of Place*, Andrew Light e Jonathan M. Smith (Eds.), (Lanham, MD: Rowman and Littlefield, 1998), 285-296.

Embora Gênesis 1.26-28 permaneça uma passagem infame em alguns círculos ambientalistas⁵³ não devemos evitar a linguagem de domínio ou de governo. Esses termos não significam que tudo existe para que nós usemos a criação conforme nós queremos. Ao invés disso, domínio aparece conectado com a imagem de Deus. Em outras palavras, nosso domínio deveria espelhar o próprio caráter e domínio de Deus sobre a criação – e, por extensão, o próprio reino de Cristo sobre a criação. E Deus governa para o benefício do governado. O salmo 72 é um bom exemplo de que tudo floresce sob o governo do rei justo.⁵⁴

Isso significa que, antes da queda, Adão e Eva deveriam guardar o jardim para que ele continuasse a florir. Noé dá um exemplo de domínio num mundo pós-queda quando ele é instruído a levar animais dentro da arca e “conservar vivos contigo” (Gn 6.19). De fato, James Limburg sugere que a lista de animais em Gênesis 6.19-20, 7.14, 21, 8.17 lembra a lista em Gênesis 1.26-28. Ele argumenta que domínio aqui significa “resgatá-los, nutri-los, e finalmente libertá-los para andarem sobre a terra”.⁵⁵

Então, ainda que Deus nos tenha feito da terra assim com as outras criaturas, ele também nos fez únicos como humanos. Em primeiro lugar, as outras criaturas, na sua maioria, estão confinadas em seus próprios espaços e nichos. Os humanos não. Vivemos nas montanhas, desertos, florestas e cidades. Em segundo lugar, as outras criaturas só conseguem cuidar de si mesmas. Deus nos deu a capacidade de cuidar de outras criaturas. Ele nos deu a capacidade de estender nossas preocupações para além das

53 Thomas A. Sanction escreve, “a ideia de domínio poderia ser interpretada como um convite para se usar a natureza como bem se entende. Assim a propagação do Cristianismo, que é considerada a pavimentadora do caminho para o desenvolvimento da tecnologia, pode ao mesmo tempo ter carregado as sementes da exploração devastadora da natureza que geralmente acompanha o progresso tecnológico”, *Time* 133 (2 de janeiro, 1989): 29-30. Wallace Stegner: “Nossa sanção para sermos uma espécie de erva daninha que vive às custas de todas as outras espécies e na própria terra pode ser encontrada na injunção que Deus deu aos recém criados Adão e Eva em Gênesis 1.28: ‘Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra e sujeitem-na.’” Wallace Stegner, “It All Began with Conservation”, *Smithsonian* 21 (abr.1990): 35.

54 A Fórmula de Concórdia identifica “Imagem de Deus” como sendo a justiça original, que deve estar de acordo com as intenções de Deus para conosco. Neste caso, para que algo seja considerado originalmente criado à imagem de Deus, cuidar da terra deveria ser um propósito-chave.

55 James Limburg, “The Responsibility of Royalty: Genesis 1-11 and the Care of the Earth”, *Word & World* 11 (1º de Março de 1991): 128.

preocupações humanas para que também abraçássemos as necessidades do mundo não humano.

Mas ser feito à imagem de Deus também sugere que, como um reflexo de sua criatividade, Deus nos deu a habilidade de criar. É claro que nós não criamos “do nada”. Ao invés disso, nós recriamos aquilo que já foi criado. Adão, por exemplo, cultivava o jardim... daí a palavra, “cultura”. Cultura é o retrabalho da criação.⁵⁶ Isso tem implicações no desenvolvimento da arte, da música e das ferramentas (que nós podemos chamar de tecnologia). Mas mesmo assim, o desenvolvimento da cultura não se dá à parte da natureza, embora possamos fazer uso da cultura para escapar da natureza. Ao invés disso, o desenvolvimento da cultura acontece dentro da natureza e é dependente dela.

Claro, a história humana é repleta de exemplos de como humanos se tornaram convencidos de suas próprias conquistas. Isso tem acontecido repetidas vezes através da história humana, desde a torre de Babel até a presente era. Hoje é dito que nós vivemos na “era dos humanos” (Antropoceno).⁵⁷ Queremos estar no controle. Buscamos nos libertar de uma dependência de Deus, de sua criação e de nosso corpo, dependência esta percebida como “incapacitante”.⁵⁸ Mas isso não acontece sem gerar consequências para outras criaturas e para nós.

Uma dessas consequências envolve levar outras espécies à extinção por meio ou da caça exagerada ou da destruição de um habitat. Henry Beale Hough refletiu sobre o significado da extinção da Tetraz-das-pradarias, na ilha de Vinhedo de Martha (Massachusetts, EUA) em 1933. “Não há

56 Robert Rosin nota que, “em termos gerais, cultura é qualquer coisa naturalmente não biológica, qualquer coisa que pessoas criaram quando livremente interagiam com seus ambientes naturais e umas com as outras”. Novamente, alta cultura é “algo não natural ou biológico, mas desenvolvido a partir da reflexão, usada para formar uma visão de vida e transmitida para as gerações subsequentes que a mantêm quando se prova útil”. Ver Robert Rosin, “Christians and Culture: Finding Place in Clio’s Mansions”, em *Christ and Culture: The Church in Post-Christian(?) America* (St. Louis: Concordia Seminary, 1996), 57-96.

57 Mark Lynas, em *The Good Species: Saving the Planet in the Age of Humans* (Washington, D.C.: National Geographic, 2011), argumenta que nós estamos no controle, e por isso é melhor nos acostumarmos com isso e descobriremos como administrar o planeta. Eugene Stoermer e Paul Crutzen são tidos como os cunhadores e popularizadores do termo “antropoceno”, que descreve como os humanos são a força dominante que molda o planeta.

58 Richard Bauckham, *Bible and Ecology: Rediscovering the Community of Creation* (Waco, TX: Baylor University Press, 2010), 149.

sobrevivente, não há futuro, não há vida a ser criada dessa forma novamente. Estamos olhando para a finitude extrema que se pode ser escrita, vislumbrando a escuridão que não conhecerá outro raio de luz. Estamos em contato com a realidade da extinção.”⁵⁹ Rolston fala de modo mais sucinto, “quando humanos extinguem espécies, eles param a história”.⁶⁰

Mas há consequências para nós também. A própria terra que nos deu vida agora lida com a morte. Adão peca e a *adamah* fica amaldiçoada. O papa João Paulo II avisou,

O homem pensa que pode dispor arbitrariamente da terra, submetendo-a sem reservas à sua vontade, como se ela não possuísse uma forma própria e um destino anterior que Deus lhe deu, e que o homem pode, sim, desenvolver, mas não deve trair. Em vez de realizar o seu papel de colaborador de Deus na obra da criação, o homem substitui-se a Deus, e deste modo acaba por provocar a revolta da natureza, mais tiranizada que governada por ele.⁶¹

E civilizações já caíram quando a terra se recusou a render sua generosidade devido ao excesso de erosão em seu solo causada pelo desflorestamento, ou pela desertificação, ou pelo excesso de salinização do solo.⁶²

Em última análise, nós não conseguimos consertar a nós mesmos ou a criação. Apenas Cristo pode tanto nos restaurar como restaurar a sua terra. E ele fez e vai fazer isso. Enquanto isso, encontramos-nos lidando com um “mundo de feridas”.⁶³ Não exercemos mais o domínio que Adão e Eva exerciam no jardim. Nosso domínio é pela “indústria e habilidade” e pela “astúcia e engano”.⁶⁴ Mesmo nossos melhores esforços para proteger e restaurar não são o suficiente. Wendell Berry expressa bem nossa

59 J. J. McCoy, *The Hunt for Whooping Cranes: A Natural History Detective Story* (Forest Dale, VT: Paul S. Eriksson, 1966), viii.

60 Holmes Rolston III, “On Behalf of Bioexuberance”. *Garden* 11, n.4 (Julho/Agosto de 1987): 32.

61 João Paulo II, *Centesimus annus* Seção 37, 1991. http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_01051991_centesimus-annus.html

62 Ver o relato de Hillel sobre o impacto da erosão nas civilizações passadas, *Out of the Earth*, 55-134.

63 Também Leopold, *Round River: From the Journals of Also Leopold*, ed. Lune B. Leopold (Nova Iorque: Oxford University Press, 1993), 165.

64 Lutero, “Lectures on Genesis”, *LW* 1:67.

situação atual quando diz, “Uma arte que cura e protege o seu sujeito é uma geografia de cicatrizes”.^{65 66}

Como cristãos, nós nos importamos com a criação que geme. De fato, Robert Saler sugere que “*Todo o ato de cuidado é um ato de cuidado para o moribundo*, e isso se aplica tanto à terra e suas criaturas como às várias pessoas que cuidamos (e que um dia precisaremos dar adeus)”. Ele continua, “é um ato de cuidado que afirma o valor da vida, até perante o seu fim inevitável”. E nesse fim inevitável da vida, o ato de cuidado se torna “um ato divino de rebelião contra a realidade da morte”, mas também um ato de confiança, pois renuncia o “controle sobre os resultados. É recusar-se a vincular o valor de um ato de cuidado – seja por uma criança, uma árvore ou um oceano – à sua eficácia em conservar a coisa cuidada”.⁶⁷

O DESCANSO E O DELEITE DE DEUS

“E ele descansou no sétimo dia” (Gn 2.2). Deus completa sua obra de criação no ato final de Gênesis 1.⁶⁸ Enquanto o versículo 1 começa falando de Deus criando o céu e a terra, Gênesis 2.1 coroa os sete dias notando que Deus criou céu e terra *e todos os seus hospedeiros*, isto é, tudo na terra. A obra de Deus culmina no descanso no sétimo dia. David Adams chama este estado de descanso, “o *telos*, ou o objetivo final da atividade criativa de Deus”. Em outras palavras, o movimento em direção ao sétimo dia “revela a intenção de Deus de que este estado de descanso deveria caracterizar tudo aquilo que ele fez, e deveria ser a experiência contínua de sua criação”!⁶⁹

Então, o que caracteriza o dia do descanso? Lutero pontua que Deus descansou, o que significa dizer que Deus estava satisfeito com tudo o que havia feito.⁷⁰ Deus descansou e tomou alento (Êx 31.17). Alguém poderia sugerir que Deus se regozijou em sua obra. O sétimo dia daria a base para

65 [N. do T.] No original: “An art that heals and protects its subject is a geography of scars”.

66 Wendell Berry, “Damage”, *What Are People For? Essays by Wendell Berry* (Farrar: North Point Press, 1990), 7.

67 Ver Rober C. Saler, “The Earth, the Road, and the Tomb: The Mortality of the Earth and Care for Creation”, *The Cresset*, v.77, n.3 (Quaresma de 2013): 50-52.

68 Lutero, Lectures on Genesis”, *LW* 1, 75.

69 Adams, 20.

70 Lutero, “Lectures on Genesis”, *LW* 1:75.

se separar um dia para celebrar a atividade criativa de Deus (Êx 20) e a atividade redentora (Dt 5). Ele também “antecipa a restauração da criação (que ocorrerá no fim dos tempos) ao estado de descanso que a caracterizou como a completude da atividade criativa de Deus” (Hb 4).⁷¹

O DELEITE DE DEUS

Então Deus descansa no sétimo dia, pois ele está satisfeito com sua obra. E, na verdade, nós já tínhamos indicações disso. Cinco vezes durante os cinco precedentes dias, Deus expressou sua aprovação declarando que o que ele havia feito era bom. Na sexta vez, ele declara que é “muito bom”. Ele gosta do que vê. Adams nota que Gênesis usa a palavra “bom” para caracterizar o estado de descanso para o mundo físico.⁷²

Porém, frequentemente levamos o veredito de Deus como significando que a criação era perfeita. E era. Mas precisamos ser cuidadosos em como usamos a palavra “perfeita”. Algumas vezes, podemos usá-la num sentido platônico, significando que ela é estática e imutável. Nada precisa ser adicionado. Para Platão, mudança implica imperfeição. Significa que algo está se movendo ou para perfeição ou para longe dela.⁷³ Mas na criação de Deus, perfeição não exclui mudança. Afinal de contas, já vimos que Deus deu a missão de ser fecundos e multiplicar-se para todas as suas criaturas, e, certamente, domínio implica mudança, inclusive o desenvolvimento da cultura.

Mas talvez possamos estar querendo dizer que a criação estava sem falhas, ou pecado, ou mal. Não tinha nada lá para estragar a criação. E isso é certamente verdade. Mas tem mais coisa aí. A afirmação de Deus “conota ‘bom’ no sentido de uma coisa que foi trazida à realização e que funciona como ela foi designada a funcionar”.⁷⁴ O bom, então, deveria ser entendido em um sentido mais amplo que inclui a beleza e a harmonia

71 Adams, 20.

72 Adams pontua que isso consiste em “três bênçãos intimamente relacionadas: fecundidade, segurança e a lei de Deus”, 20.

73 Para um bom resumo do platonismo, ver Diogenes Allen, *Philosophy for Understanding Theology* (Louisville, KY: Westminster John Knox, 1985).

74 Adams, 20.

(*shalom*). Tudo é e funciona como Deus previu. O salmo 104 oferece uma boa imagem dessa harmonia, onde leões caçam à noite e humanos cultivam de dia.

Este “bom” da criação reflete a bondade de Deus. A igreja primitiva rapidamente reconheceu esta conexão. A confissão de Deus a respeito da bondade de sua criação foi de encontro ao jeito com que muitas pessoas nos primeiros séculos viam o mundo em que viviam. Pouquíssimos consideravam este mundo físico bom. Os gnósticos, por exemplo, consideravam o mundo uma masmorra, e nossos corpos, tumbas.

E nós? Estamos vivendo de modo a confessar a bondade da criação? Algumas vezes, falamos sobre a corrupção do mundo em jeitos que podem obscurecer o “bom” do mundo de Deus. Aqui, o artigo 1 da Fórmula de Concórdia é particularmente útil. Ele mantém a bondade da obra de Deus, ao passo que rejeita a corrupção que a sufoca. Pelo fato de Deus valorizar a criação, ele avança para recuperá-la. O Filho de Deus assume um corpo humano. A obra da salvação de Cristo vem a nós em elementos da criação, entregue por criaturas humanas. E no último dia, Deus finalmente ressuscitará nossos corpos para a vida na nova criação.

Então, quando Deus declara o seu mundo como muito bom, ele expressa seu deleite para com ele. Isso expressa a oração do salmista no salmo 104, “Exulte o SENHOR por suas obras!”

LOUVOR DA CRIAÇÃO

Deus não só descansa e se regozija em sua criação, mas ele também nos convida a fazer o mesmo. O *Sabbath* fornece tempo para celebrar a incrível conquista de Deus que foi trazer à tona essa maravilhosa criação.

Para Lutero, “santificar significa separar para propósitos sagrados ou para o culto de Deus”,⁷⁵ a saber, “agradecer e louvar” a Deus. Elizabeth Achtemeier sugere que o louvor da criação funciona como um eco do amor de Deus. Em outras palavras, Deus diz “‘é muito bom!’ A criação então se levanta e canta, ‘sim, a vida é muito boa mesmo.’”⁷⁶ E a criação agora

⁷⁵ Lutero, “Lecture on Genesis”, *LW* 1:79.

⁷⁶ Achtemeier, *God, Nature, Pulpit*, 42.

faz isso não olhando apenas para a obra original da criação de Deus, mas também para a nova obra de criação, vinda da cruz e da tumba.

Mas como a criação, num sentido mais amplo, louva a Deus? À luz do salmo 148, as outras criaturas louvam a Deus sendo o que Deus as fez para serem. Pássaros sendo pássaros. Árvores sendo árvores. Humanos colocando o louvor da criação em palavras. Para usar as palavras de meu colega, Paul Raabe, “glorificamos Deus exaltando suas obras!”⁷⁷ É isso que os salmistas fazem. Primeiro eles fazem uma convocação para que se louve a Deus e então eles dão os motivos para tal louvor, recontando as obras de Deus.⁷⁸ Assim, o *Sabbath* se torna um dia para se contar histórias sobre o que Deus tem feito, para falar das maravilhas de Deus, e expressar em notas musicais o que Deus tem feito. É hora de celebrar sua realização de criar esta terra e as criaturas que a enchem.

Separar um tempo para celebrar a criação de Deus significa expressar uma fé de criatura, que tanto reconhece o domínio de Deus quanto, por sua vez, é fortalecida pelo trabalho criativo de Deus. Isso gera uma oportunidade para nós diminuirmos nossa velocidade e até mesmo pararmos para olhar atentamente e observar o que Deus tem feito. E isso se dá de duas formas.

Primeiro, precisamos prestar atenção à palavra de Deus, já que é a Palavra que nos dá as lentes para ver a criação como a obra maravilhosa de Deus. A Palavra equipou Irineu e Tertuliano a verem as maravilhas da criação como admiráveis milagres – tão grandes quanto qualquer outra coisa que Deus faria no futuro, incluindo a ressurreição.⁷⁹ Lutero se expressa em termos similares (e hiperbólicos) quando falava sobre a criação dos pássaros no quarto dia. “Estas coisas estão escritas e precisam

77 Conversa pessoal.

78 Ver a análise feita por Roger Sorrell do cântico de São Francisco de Assis em *St. Francis of Assisi and Nature: Tradition and Innovation in Western Christian Attitudes toward the Environment* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1988), 118-124.

79 Por exemplo, Irineu exclamou (comentando sobre Ezequiel e o vale de ossos secos): “Certamente é muito mais difícil e incrível trazer à tona tudo como deveria ser, e fazer do homem uma criatura animada e racional a partir de inexistentes ossos, nervos, veias, e do resto do organismo humano, do que reintegrar novamente o que já foi criado e depois decomposto na terra”. Irineu, “Against Heresies”, 5.3.2. In: Alexander Roberts e James Donaldson (Eds.), *The Ante-Nicene Fathers*, v.1 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), 529. Da mesma forma, Tertuliano: “Você pode ter Certeza que a restauração da carne é mais fácil do que a sua primeira formação”. Tertuliano, “On the Resurrection of the Flesh”, 11. In: Alexandre Roberts e James Donaldson (Eds.), *The Ante-Nicene Fathers*, v.1 (Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1986), 553.

ser aprendidas cuidadosamente para que possamos aprender a nos encher de espanto perante o poder da Majestade Divina, e edificar nossa fé com estes feitos maravilhosos. Nada – nem mesmo ressuscitar – é comparável a produzir um pássaro da água”.⁸⁰

Segundo, a palavra de Deus nos envia à criação com um encorajamento a prestarmos atenção ao trabalho manual de Deus em toda à nossa volta, e não simplesmente correr pela vida com antolhos nos olhos. Os escritores do Antigo Testamento dão ampla evidência de conhecimento empírico de muitas criaturas e maravilhas sobre as quais eles escreveram. Lutero nos encoraja a fazer o mesmo.

Nós não nos maravilhamos nessas coisas porque, devido a nossa associação diária com elas, perdemos nosso espanto. Mas se alguém acredita nelas e as considera mais atentamente, é compelido a se maravilhar nelas, e este maravilhamento gradualmente fortalece sua fé (*LW* 1:49).

Basílio, o Grande, dá um excelente exemplo de conhecimento empírico da criação de Deus quando exulta as maravilhas das árvores nas suas raízes e cascas. Ele escreve, “eu mesmo tenho visto estas maravilhas e admirado a sabedoria de Deus em todas as coisas”.⁸¹ Mais recentemente, o famoso explorador de oceanos (e católico romano) francês, Jacques Cousteau, falou bem quando disse que exploramos para dar testemunho do milagre da vida.⁸²

CONCLUSÃO

Então, a criação é mais do que simplesmente um palco ou cenário para a história de Deus. Ela é integral para a história inteira. No fim das contas, a história inteira conta o relacionamento de Deus para com a sua

80 Lutero, “Lectures on Genesis”, *LW* 1:49.

81 Basílio, o Grande, “On the Hexameron”, In *Saint Basil Exegetic Homilies*, trad. Sister Agnes Clare Way (Washington, D.C.: Catholica University Press of America, 1963), 3-150.

82 Jacques Cousteau, *The Human, the Orchid and the Octopus: Exploring and Conserving Our Natural World* (Nova Iorque: Bloomsbury, 2007), 39. “Nós nunca tentamos decifrar o sentido da vida; nós apenas queríamos testemunhar o milagre da vida”.

criação, e especialmente para com aquelas criaturas extraordinárias que ele formou do chão para cuidarem e cultivarem sua criação. Ela conta como essas notáveis criaturas transformaram um jardim cheio de vida em um terreno baldio de morte. E conta também como Deus entrou na sua criação, tornou-se uma criatura humana, restaurou suas criaturas humanas pela sua morte e ressurreição, e assim vai renovar sua criação. E tudo isso, de acordo com Colossenses 1.15-20, é feito através de Cristo e por Cristo.